

# a chama



REVISTA DA ASSOCIAÇÃO DE PAIS E MESTRES DO COLÉGIO SÃO VICENTE DE PAULO

## ONDA VERDE NA FAMÍLIA VICENTINA





## UM DIA DA CRIANÇA FELIZ

“Doe brinquedos para os sem-tetinho”. Este foi o mote da campanha organizada pela Associação de Pais e Mestres que, entre os dias 30 de setembro e 8 de outubro, coletou brinquedos novos e usados, em bom estado de conservação, para as crianças do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto, o MTST. A ideia era mobilizar a comunidade vicentina a doar e, neste gesto de amor, dar um novo significado ao Dia da Criança.

A campanha superou as expectativas. “Foram muuuitas doações em uma semana e tudo foi recolhido diariamente, com incansável ajuda dos funcionários do colégio, e higienizado, também diariamente, pela APM e colaboradores”, disse a presidente da Associação, Alline Figueira de Paula.

Eram estimadas 110 crianças, que são atendidas pela cozinha solidária do MTST em Niteroi e São Gonçalo. Ao final, foi possível embalar 134 pacotes de presentes, que continham ao menos 2 brinquedos e 1 livro, oriundos das doações das famílias do CSVP, e um kit de massinhas doado pela própria APM.

Além das famílias do MTST, foi possível atender também, com doação de brinquedos, jogos educativos e/ou livros, crianças da Escola São Vicente de Paulo, em Nova Iguaçu, do projeto social SVP de Portas Abertas (parte delas em vulnerabilidade social), e das creches Cristo Redentor e Patinho Feliz.



## a chama

Revista editada pela Associação de Pais e Mestres do Colégio São Vicente de Paulo

Ano XLVIII Nº 108  
Dezembro/ 2021

**Supervisão Editorial**  
Alline Figueira de Paula e Simone Coelho Moreira Sampaio

**Reportagem, Redação e Edição de Textos**  
Rosa Lima

**Revisão de conteúdo**  
Norma Hoffmann

**Projeto Gráfico e Produção Editorial**  
Christina Barcellos

**Capa**  
Alunos do 3º ano em aula prática sobre as partes das plantas. Foto de Carla Rocha, professora de ciências do EF, outubro de 2021

**Fotos**  
Alline Figueira de Paula, Rosa Lima, Christina Barcellos, arquivo CSVP, arquivo Comissão de Formatura, arquivos de Tomás Mendonça, Thiago Júdice, Manfred Bert, Diego Silvério, Andrea Vilhena, Bianca Bruno Bárbara, Francine Xavier, Heline Soares, Letícia Cotrim, Liana Carvalho, Patrícia Zendron, Rosa Maria Mattos, Tatiana Cattapan, Verônica Gomes, Lorena Pinto Coelho, Simone Carrocino e capturas de tela

**Jornalista Responsável**  
Rosa Lima - Mtb: 18640/RJ

**DIRETORIA DA APM**  
**Diretor Eclesiástico**  
Pe. Agnaldo Aparecido de Paula

**Diretora Representante dos Professores**  
Daniela de Carvalho Cordeiro

**Diretora Presidente**  
Alline Figueira de Paula

**Diretora Vice-Presidente**  
Ana Roberta Pires Gonçalves

**Diretor Secretário**  
Marcio Simões Vellozo Gouveia

**Diretora Tesoureira**  
Maria Araújo Parreiras

**Diretor Social**  
Carlos Pesce Thiré

**Conselho Fiscal**  
Bárbara Nascimento Ferreira  
Patrícia Zendron  
Simone Coelho Moreira Sampaio

**Secretário da APM**  
Edevino Panizzi

Rua Cosme Velho, 241  
Cosme Velho - Rio de Janeiro  
RJ - CEP 22241-125  
Tel. (21) 3235-2900  
revistachama@csvp.g12.br

**2** **CAPA**  
ONDA VERDE NA  
COMUNIDADE VICENTINA

**8** **ARTIGO**  
AGROECOLOGIA E  
SUSTENTABILIDADE

**10** **TRANSFORMADOR SOCIAL**  
TOMÁS MENDONÇA APOSTA  
NA RECONEXÃO À NATUREZA

**12** **ESPECIAL**  
CEM ANOS DE PAULO FREIRE,  
POR PADRE LAURO PALÚ

**15** **GRÊMIO**  
MOMENTO POLÍTICO  
CULTURAL 2021

**16** **AÇÃO SOCIAL**  
A NOVA ESCOLA SÃO  
VICENTE DE PAULO

**18** **CONCURSO DE POESIA**  
CONHEÇA OS VENCEDORES  
DO POEMA EM CENA

**19** **FORMANDOS 2021**

**20** **DIVERSIDADE**  
CAPACITISMO: PRECONCEITO  
EM RELAÇÃO À DEFICIÊNCIA

**22** **NOTAS**

**24** **RESENHA**  
TORTO ARADO, DE ITAMAR  
VIEIRA JÚNIOR

## OLÁ, COMUNIDADE VICENTINA!

*Este editorial é escrito no mesmo dia em que, há 47 anos, alunos e professores do antigo 2º grau subiram o morro da encosta do Colégio São Vicente de Paulo com enxadas, pás e mudas para transformar a área degradada na agradável mata que encanta, sombreia, absorve água, abriga a fauna e purifica o ar, atrás do colégio. Essa mata, devolvida em 1974 às bordas da Floresta da Tijuca (que também foi replantada com mais de 100 mil árvores em esforço conjunto iniciado em 1861), demonstra mais esta vocação dos vicentinos: amar e valorizar a natureza! A revista A Chama, nascida no mesmo ano de 74, cobriu este evento e, neste número, o relembramos.*

*Nestes quase 50 anos, o São Vicente formou muitos biólogos, agrônomos, engenheiros florestais, mas, independentemente da profissão que seguiram, os jovens vicentinos levaram para suas vidas esta relação de respeito com o meio ambiente. Hoje, alguns voltam para contar suas experiências, e outros responsáveis deixam aqui seus depoimentos de uma busca por maior integração à natureza, despertada por circunstâncias do período de pandemia.*

*Esta edição também marca a estreia de duas colunas gestadas com muito carinho pela APM, uma de resenhas e outra de textos de inclusão e diversidade, priorizando a participação da nossa comunidade.*

*Também trazemos, neste centenário do nosso patrono-educador Paulo Freire, um inspirador artigo de Padre Lauro e iniciativas que são fruto da educação libertadora, como o momento político-cultural riquíssimo construído pelos alunos e o grêmio Tropicália, e a doação de brinquedos para crianças do Movimento Sem Teto e de outros projetos sociais, bem como para a novíssima Escola São Vicente de Paulo; tivemos também o primoroso vídeo do coral SVEM, o concurso literário do 9º ao EM e EJA com magníficas poesias e ainda o recém-lançado Ciclo de Debates Paulo Freire e o Projeto Mais Livros. Aproveitem e sigamos juntos!*

Alline Figueira de Paula  
Presidente da APM

# DESPERTAR ECOLÓGICO

## Busca por uma vida mais saudável durante a pandemia fez surgir maior consciência ambiental entre as famílias

Uma onda verde inundou a comunidade vicentina. A reclusão imposta pela pandemia fez brotar ou aumentar em muitas famílias a busca por uma vida mais saudável e, com ela, uma maior consciência sobre o consumo e o descarte de produtos e uma relação mais cuidadosa com o meio ambiente.

Em setembro, uma enquete realizada pela Associação de Pais e Mestre junto aos responsáveis por alunos mostrou que, dos respondentes, 63% estão consumindo mais alimentos orgânicos, 79% cultivam plantas e mais de 47% mantêm hortas e fazem compostagem doméstica ou comunitária. Alguns pais relataram também redução de consumo em geral, maior reaproveitamento e reciclagem de objetos e participação em redes ecológicas e comunidades que sustentam agricultura (CSA).

Leticia Cotrim da Cunha, mãe de Maya, da turma 702, contou que o consumo de orgânicos aumentou muito na sua família depois que todos passaram a trabalhar, estudar e a fazer as refeições em casa,

por causa da quarentena. Descobriram maior oferta e melhores preços dos produtos fora da rede tradicional de supermercados, com a possibilidade de entrega em casa, e adotaram com esse serviço com regularidade.

“Houve abertura para provar folhas antes desconhecidas, como peixinho da horta ou azedinha, aprovadas no cardápio. A surpresa veio também no gosto de chupar cana, que vem cortadinha, ou no preparo de couve e diferentes tipos de batatas no forno, em forma de chips”, disse Leticia, que ainda aumentou consideravelmente a quantidade de plantas no parapeito da janela, inclusive algumas comestíveis. “Foi também uma tentativa de “estar fora de casa” sem realmente sair. Cria uma distração e enche os olhos com a beleza de detalhes das plantas”.

### Harmonia no ambiente

Também as mães de alunos Patrícia Cabral Sá e Raquel Gracie Carrijo passaram a consumir mais orgânicos e sentiram crescer dentro de si o gosto pelo cultivo de plantas, antes amortecido pelo pouco tempo passado em casa. “Investi nas que uso mais, como salsa, cebolinha e manjeriçã. Deu certo! Os novos hábitos me deixam muito feliz por poder acompanhar o crescimento do que como”, disse Raquel. “A planta é um ser vivo, que embeleza e traz harmonia ao ambiente”, complementou Patrícia.

Tatiana Cattapan, que tem filhos no 3º e no 6º ano do Fundamental, contou que eles sempre gostaram de plantas, mas que na pandemia, e em casa, resolveram plantar flores, maracujá, pimentinha e agrião. “Essa prática é muito gratificante pois, além de estarmos juntos nos divertindo, também aproveitamos para ter um ambiente bonito e agradável, neste momento com tantas perdas. Esperamos tomar um belo suco de maracujá se tudo der certo por aqui!”, disse Tatiana. E, sim, as crianças adoram plantar com ela. “É legal cheirar e colher as plantas! Já plantei milho



FOTO: BIANCA BARBARA

e tava quase nascendo um milhão no vaso, mas depois morreu”, nos contou a filha Carolina.

Por sua vez, Bianca Bruna Barbara e os filhos Antônio (9º ano) e João (5º) foram passar um tempo extenso na casa de veraneio da família. Molhar o jardim, plantar e transpor orquídeas – vindas do apartamento do Rio em vasos – para o tronco da árvore plantada pelo bisavô dos meninos, passou a ser um novo prazer cotidiano. Os filhos envolveram-se indiretamente. “Não plantaram junto, mas curtem os movimentos observáveis em cada planta e, em especial, o (re)florescimento das orquídeas agora na nossa “árvore predileta”, contou Bianca.

### Quintal em casa

Entre abril de 2020 e julho deste ano, a família de Liana Carvalho Santos, mãe de Cely, do 3º EM, ficou numa casa com quintal. Plantaram um ipê rosa, cultivaram babosa, fizeram aproveitamento do lixo orgânico para adubar as plantas e passaram a alimentar um “charmoso vizinho gambá”, nas palavras de Liana. “Cely adorou a experiência de hidratar os cabelos



FOTO: VERÔNICA GOMES

com a babosa e curtiu muito o amigo gambá que nos visitava todas as noites”, disse.

Mãe de Luana, do 1º EM, Verônica Souza Gomes contou que sua família já cultivava algumas plantas em casa (ornamentais e ervas), possuía um minhocário e fazia seleção do lixo para reciclagem. Durante a quarentena, todos começaram a comer só em casa e consumir mais orgânicos. “Então as minhocas ganharam mais cascas e a produção de adubo cresceu”, disse Verônica, que também resolveu adquirir mais plantas, semear mais comestíveis (tomate, cebolinha, capuchinha) e contribuir com a horta do condomínio. Segundo ela, “Luana adorou semear e cuidar das plantas, molhando e colocando biofertilizante de minhoca.



FOTOS: LETICIA COTRIM



FOTO: LIANA CARVALHO



FOTOS: PATRÍCIA ZENDEON

Na página ao lado, o inseto fotografado na janela com a lente macro de Leticia, Carolina mostrando as mudinhas plantadas em casa e a orquídea na “árvore predileta” da família de Bianca. Acima, as capuchinhas na janela de Verônica, e Liana com a mãe e a filha no quintal da casa onde ficaram no início da pandemia. À direita, as PANCs da família de Patrícia, um prato de arroz com cúrcuma, frango e legumes orgânicos, preparado por Serginho, e Júlia recolhendo o adubo líquido da composteira.

A capuchinha deu flores na janela dela, e o sebinho (pássaro) vinha visitá-la”. Uma alegria!

Outros que, nos fins de semana, ajudam a cuidar das plantas e participam da coleta seletiva do lixo em casa são os alunos Maria Clara (401) e João Pedro Soares Fernandes (203). De acordo com a mãe, Heline Soares, a família já fazia compostagem mesmo antes da pandemia. Com a reclusão da quarentena, cuidar das plantas e da composteira, do condomínio, foi uma válvula de escape para todos. “Atualmente compramos mais uma, e mais dois apartamentos participam da ação. No terraço temos uma jabuticabeira que já dá jabuticabas e algumas mudas de temperos. Já plantamos e colhemos tomatinhos na nossa janela também”, revelou Heline.

#### Compostagem doméstica

Também os irmãos Raquel (702), Sérgio (401) e Julia Zendron (303) aprenderam muito sobre consumo de alimentos e destinação de resíduos nos últimos meses. Com a necessidade de fazer todas as refeições em casa, novos hábitos



passaram a fazer parte da rotina deles. Como ir à feira orgânica com a mãe, Patrícia Zendron. “Podemos comprar cenoura e beterraba com rama (consumimos todas as partes), descobrimos alimentos novos como PANCS (plantas alimentícias não-convencionais) e ficamos felizes em levar nossa sacola reutilizável e dispensar qualquer tipo de embalagem ou sacola plástica”, contou ela.

A compostagem decorreu da observação dos resíduos e o quanto poderia ser aproveitado. Por fim, ao ficar mais em casa, foi possível dar mais atenção às plantas, observar seu crescimento, se encantar com flores, frutos e mesmo a folhagem. “O adubo da composteira também passou a ter destinação, fechando o ciclo e fazendo todas as ações terem sentido. As crianças se envolvem em todas as etapas. São hábitos que vieram para ficar!”, acredita Patrícia.

Investir na compostagem doméstica também foi uma atitude que a família de Roberta Beiriz Furtado tomou depois da chegada da Covid. “Eu já queria dar mais atenção para o lixo. Separávamos o reciclável, mas o volume do orgânico me incomodava. Daí conheci o Ciclo Orgânico e aproveitei para experimentar. Me apaixonei pelo projeto. Separar a saída (o lixo) te leva a olhar com consciência



No alto, Manuela no pé de caqui, a construção da horta no sítio de sua família, Rosa Maria cuidando dos canteiros e mostrando os tomatinhos no pé. Acima, Maria Clara colhe os tomatinhos na janela. À direita, a horta plantada pela equipe do projeto AChA – Articulação de Chefs e Agricultores, as saladinhas servidas, diversos tipos de cenouras cultivadas pelo grupo e Francine na horta com a professora Anelise Dias da UFRRJ.



para o que entra (o consumo) e para os processos, com menos desperdício”, argumentou. E os filhos Arthur e Pablo também se engajaram no movimento: ajudam na retirada do lixo reciclável e estão aprendendo sobre o que entra ou não no balde do Ciclo Orgânico. “É um aprendizado para todos nós”, disse Roberta.

#### Consumo consciente

Para a família de Andréa Vilhena, mãe de Manuela, do 1º EM, a pandemia de Covid também resultou numa maior conscientização sobre consumo e descarte. Morando num sítio, eles tiveram a oportunidade de intensificar ações que já praticavam, como a separação do lixo em produtos reutilizáveis ou recicláveis. O caminhão do lixo não passa diariamente na região onde estão e, para evitar que o lixo fosse parar no rio, ao ser revirado pelos cachorros, resolveram cuidar com muita atenção do descarte.

“O resultado foi que conseguimos diminuir muito o que descartamos de fato, fazendo compostagem e separando o que era reciclável. É muito importante que a preocupação com o meio ambiente não fique apenas no debate teórico”,

afirmou Andréa. Segundo ela, Manuela se envolveu em todas as ações e assumiu o trabalho de enterrar o lixo orgânico na composteira, revirando a terra e acrescentando folhagem seca.

Já com a família de Alice Mattos Cavour, do 8º ano, aconteceu o seguinte: dois meses antes da chegada do novo coronavírus, eles compraram uma composteira. No entanto, tiveram muita dificuldade com o processo e pensaram em desistir. Mas a pandemia veio e, com mais tempo e dedicação, aprenderam a lidar com as minhocas. “Uma coisa interessante é que a produção de húmus pela compostagem acabou nos levando à jardinagem. Na iminência do início do isolamento social, comprei mudinhas de ervas e passei a cuidar delas. Plantamos tomate cereja, colhemos e comemos nossa produção, recentemente. Depois de muitas tentativas e erros, conseguimos cultivar alface. Foi uma forma de estarmos reconectados à natureza”, disse a mãe, Rosa Maria. Alice também se envolveu, separando cascas de alimentos e molhando as plantas.

E quem também está tendo muito aprendizado ambiental é a família de Angelo Riccetto, do 2º b EM. A mãe, Francine Xavier, vem da gastronomia e, segundo conta, já tinha entendido a força da agroecologia. Com a pandemia e o trabalho remoto, estão em Petrópolis, onde têm horta e composteira. “Além disso tenho um projeto de CSA - comunidade que sustenta agricultura - que estamos apresentando para escolas e pais, oferecendo uma oportunidade de vivenciar a agroecologia e apoiar e se conectar com quem produz o nosso alimento, livre de químicos e em modelo social e ambientalmente responsável”, contou Francine.

O colégio também está atento ao chamado ecológico da família vicentina. A boa notícia é que o projeto da nova horta, apresentado à direção pela APM, já foi aprovado. O próximo passo é estudar a viabilidade técnica de seu cultivo no terraço de um dos prédios atrás das quadras de esportes. Se tudo der certo, em 2022, os alunos do CSVP terão novamente uma horta para chamar de sua.



## CASA MAIS VERDE

O professor de Ciências do 7º ano, Thiago Judice, também percebeu entre seus alunos uma maior necessidade de se aproximarem de ambientes naturais. Quando ainda estávamos em isolamento social, Thiago observou que muitos deles diziam querer viajar para o interior ou passear em locais arborizados. Foi daí que ele teve a ideia de criar um projeto que unisse investigação científica com sensibilização para a preservação ambiental.

Assim surgiu o *Casa mais verde*. A ideia era passar algumas noções de jardinagem e levar os estudantes a plantar em casa uma espécie vegetal da preferência de cada um. O projeto deveria ser realizado ao longo do ano letivo e avaliado trimestralmente, compondo a nota da disciplina de Ciências.

“Nesta época de pandemia, em meio a tantas notícias ruins, precisamos valorizar cada vez mais a vida, em todas as suas formas. Muitos alunos diziam não ter “jeito” para jardinagem, mas ao compreender que o cultivo se daria através de uma investigação científica, animaram-se e toparam a ideia”, revela Thiago.

O projeto foi dividido em etapas: escolha da espécie a ser plantada (levando em conta seu tamanho, necessidade de sol e água, disponibilidade de se encontrar sementes, facilidade de cultivo, etc), preparação do vaso (com os furos no fundo e cobertura de camada de argila ou pedra para melhor drenagem da água), escolha do substrato (mistura de terra com areia na proporção certa exigida por cada espécie) e por fim o plantio e acompanhamento do cultivo.

A cada trimestre os alunos produziram relatórios sobre o processo, com fotos. No caso em que as plantas

ficaram doentes, elaboraram hipóteses e fizeram pesquisas para tentar solucionar o problema. Ou, quando as plantas morreram, também levantaram hipóteses para tentar compreender o ocorrido e realizaram novos plantios. “Tivemos muitos resultados positivos”, contou o professor. Ao final, todos aprenderam muito. “Minha conclusão é que para cultivar uma planta tem que ter dedicação e compromisso para cuidar dela”, disse a aluna Estela Barros, da turma 703.



Processo de preparar o vaso e plantar

- Foi um processo legal onde me diverti fazendo com o meu pai, que me ajudou um pouco. Nós começamos a misturar areia com a terra e colocamos a mistura no vaso. Logo a seguir plantamos, regamos e colocamos no lugar.
- Buscamos um lugar na varanda que tenha sol por, aproximadamente, 4 horas diárias, como tinha lido na pesquisa inicial.



Acima, trabalho de aluno do Prof. de ciências Thiago Judice no projeto *Casa mais Verde*. Ao lado, Diego Silvério e alguns alimentos orgânicos cultivados na Fazenda Javary. Na página ao lado, Manfred Bert (de boné verde) participa da Feira de Cultura e Compromisso Social de 2016



## COM MINHOCAS NA CABEÇA

Quem frequenta as feiras de qualidade de vida do CSVP o conhece bem. Junto com o MAS – Movimento de Alimentação Saudável, ele está sempre lá com suas minhocas, mudas e temperos, fazendo jogos de adivinhação e despertando nas crianças e adolescentes a curiosidade sobre as plantas e o gosto pelas hortaliças. Estamos falando de Manfred Bert Broschart, paisagista alemão e pai de Jan Ribeiro Broschart, hoje aluno do 9º ano.

No Brasil desde 1985, Manfred mantém há mais de 30 anos o Minhocário Arboreum, no bairro de Guaratiba, pelo qual se apaixonou ao fazer um estágio com o também paisagista Roberto Burle Marx. Numa área de 10 mil metros quadrados, ele produz e vende húmus de minhocas, plantas ornamentais e gramados esportivos e promove oficinas mensais de compostagem, jardinagem, permacultura e temas afins.

“Eu ensino a fazer tudo com custo zero, usando material reciclado. Todo mundo sai daqui literalmente com minhocas na cabeça”, brinca Manfred, que também atende escolas, condomínios, empresas, associações de moradores e igrejas e se orgulha de já ter levado seu trabalho a mais de 150 colégios. “Infelizmente, as crianças de hoje sabem tudo de internet, mas perderam o contato com a natureza. Muitas nunca nem viram uma minhoca”, lamenta.

A reclusão imposta pelo coronavírus, porém, tem levado a um maior interesse pelas plantas, segundo Manfred. “Eu tenho notado uma procura enorme por mudas, minhocas, plantas... Aqui no sítio a campanha não para

mais. As pessoas descobriram seu dedo verde com a pandemia. E, ficando em casa direto, elas se deram conta do quanto de lixo produzem. Lixo que vai ser jogado num saco plástico e ser levado pela Comlurb para outro município. Não faz sentido. Quando a gente o deixa em casa numa caixinha, ou numa composteira de uma horta comunitária, a gente produz oxigênio e adubo”. As plantas adoram. E as pessoas também. “Meu trabalho é esse: despertar a atenção para uma vida mais harmônica com a natureza”, diz o paisagista.



## DA SERRA PARA A MESA

O ex-aluno Diego Silvério trocou o céu pela terra. Depois de conquistar o diploma de aviador (seu sonho de criança era ser comandante de avião), ele preferiu dar vazão à veia empreendedora e investir nas ideias e projetos em que mais acreditava. Hoje, com 28 anos, cultiva orgânicos na Fazenda Javary, na serra de Petrópolis, e entrega saúde para seus clientes no Rio de Janeiro.

“Eu sempre gostei de negócios. Ainda criança, vendia bolo no escritório do meu pai, pirulito na escola... não sei parar quieto e estou sempre com a cabeça em novos empreendimentos”, contou Diego. Em 2010, quando estava no 3º ano do Ensino Médio do São Vicente, inspirou-se num professor que produzia cogumelos e, junto com o pai, decidiu investir nesse filão.

Produziram bastante, mas o cultivo do shitake era muito difícil e o projeto não foi adiante. Um tempo depois, a família comprou a terra no Vale das Videiras e Diego, já com o brevê de piloto em mãos, optou por ter seu

próprio negócio e apostar num mercado que começava a despontar, o dos alimentos orgânicos.

“Aprendi fazendo e tomei gosto. Passei a estudar a fundo a produção de alimentos e fui me profissionalizando. Hoje produzimos diversos legumes, verduras, frutas e temperos, tudo orgânico. Junto com a produção de parceiros também certificados, eles saem daqui fresquinhos direto para a casa dos clientes no Rio”, disse Diego.

Com a pandemia de Covid, a procura pelos orgânicos só fez aumentar. Os produtos da Fazenda Javary são vendidos avulsos ou em cestas de tamanhos P, M ou G, entregues duas vezes por semana na Zona Sul e também na Barra, Recreio, Ilha do Governador, Tijuca, Grajaú, Centro e Santa Teresa. Assinantes não pagam frete e recebem 10% de desconto.

E para quem acha que consumir produto orgânico é luxo, Diego Silvério argumenta: “Nem sempre comprar orgânicos sai mais caro! Mas é sempre mais nutritivo e fortalece a agricultura familiar. Questão de valor”.

## AGROECOLOGIA NA MESA, O QUE ISSO TRANSFORMA?

Riscos à saúde por desnutrição, sobrepeso e obesidade, além da contaminação por agrotóxicos, abrem um alerta com relação a qualidade da alimentação.

Abrimos cada vez mais pacotes e descascamos cada vez menos os alimentos, portanto, recorreremos cada vez mais aos supermercados e cada vez menos a mercados de proximidade, onde se apresenta a agricultura familiar. Desconhecemos quem produz nossos alimentos, nos alienamos dos processos de produção agrícola e conseqüentemente dos cuidados com a saúde pela perspectiva do alimento.

Estudos mostram que está em curso uma ampliação do consumo de produtos ultraprocessados, altamente industrializados, em detrimento daqueles alimentos frescos (in natura) como frutas, legumes e verduras, arroz e feijão, além dos minimamente processados, que conferem uma alimentação adequada e saudável segundo o Guia Alimentar da População Brasileira. O consumo de alimentos ultraprocessados é um dos principais fatores para a obesidade, diabetes tipo 2 e doenças relacionadas, incluindo doenças cardiovasculares e cerebrovasculares.

Qual seria então o processo de reconexão com uma agricultura que pode impactar positivamente a saúde além de outros benefícios, como fortalecer a economia local e mitigar impactos ambientais?

A agricultura familiar abastece o mercado interno e destaca-se como potencial na produção de alimentos saudáveis com impacto positivo sobre o ambiente e a saúde em experiências agroecológicas.

Agricultoras, agricultores e povos tradicionais vêm manejando seus sistemas de produção e vida familiar milenarmente, gerando conhecimento e uma interação entre humanidade e ambiente de forma mais harmônica e equilibrada. Esses conhecimentos sistematizados tornam a agroecologia a ciência que possibilita o estudo de agroecosistemas, estabelecendo princípios de agriculturas de bases sustentáveis.

Conforme se intensificou a urbanização, com espaços cada vez menos verdes, nos distanciamos das práticas de produção de alimentos. Isso se reflete também sobre a dificuldade no acesso a estes alimentos. Vamos aos supermercados e locais de venda de comida rápida comprar ultraprocessados, que podemos considerar como produtos e não como comida de verdade, cujos rótulos não lemos ou não sabemos o que comunicam. A relação direta com agricultoras e agricultores locais fica para segundo plano, por requererem tempo, planejamento e prioridade dentre tantas tarefas diárias.

Para uma reconexão é necessário que se pense não somente a educação que conscientiza, mas também criar um ambiente que incremente a disponibilidade de alimentos frescos no dia a dia da comunidade escolar.

Comer é um ato político, o que você come também interfere no meio ambiente, na organização da sociedade, por isso, optar pela parceria com a agricultura familiar agroecológica e local é importante para uma atitude transformadora.



Estratégias de visibilização de experiências agroecológicas na educação podem promover uma aproximação rural/urbano e gerar oportunidades tanto para quem cultiva quanto para quem consome, diminuindo a dificuldade no acesso aos alimentos frescos, criando ambientes de alimentação mais saudáveis e deixando em segundo plano a facilidade de acesso aos produtos ultraprocessados.

Para criar esta reconexão entre saúde, alimento e agricultura, são exemplos as hortas e cantinas saudáveis escolares e as parcerias com bancas de feiras da roça semanais na porta dos colégios. Ou mesmo a criação de Comunidades que Sustentam a Agricultura (CSA).

As CSA propõem a relação direta entre coagricultores, assim denominadas as pessoas que vivem no meio urbano, pelo papel que assumem de corresponsabilização dos processos produtivos e agricultores. Nesta nova forma de se relacionar, os espaços do colégio podem servir como ponto de convivência onde é possível, no contato direto com agricultores, as trocas de conhecimentos, receitas, informações e acesso facilitado aos alimentos com preços mais justos tanto para quem produz quanto para quem consome. Esta é uma das expressões que têm mostrado um novo estilo de vida, onde uma rede nacional de CSA substitui a cultura do “preço pelo apreço”.

Sistemas de produção em bases agroecológicas, que mantêm a biodiversidade, os ciclos hídricos, mitigam mudanças climáticas e produzem alimentos com impacto positivo sobre a saúde, podem e devem ser fortalecidos.

Segundo o educador Paulo Freire, que completaria 100 anos nesta primavera, “educação não transforma o mundo. Educação muda as pessoas. Pessoas transformam o mundo”. Transforme o mundo começando pelo seu ato de comer. Agricultura para a vida. Traga a agroecologia para sua mesa.

Desejo a todos, todas e todes, um bom apetite transformador!

**“É NECESSÁRIO QUE SE PENSE NÃO SOMENTE A EDUCAÇÃO QUE CONSCIENTIZA, MAS TAMBÉM CRIAR UM AMBIENTE QUE INCREMENTE A DISPONIBILIDADE DE ALIMENTOS FRESCOS NO DIA A DIA DA COMUNIDADE ESCOLAR”**



**Flaviane Canavesi**

Professora da Universidade de Brasília.

Coordenadora do Núcleo de estudos, pesquisa e extensão em Agroecologia.

Mãe de ex-alunos do CSVP (canavesi.flaviane@gmail.com)

Para saber mais visite a página da Articulação Nacional de Agroecologia <<https://agroecologia.org.br>> e a página do Fórum Brasileiro de Segurança Alimentar e Nutricional <<https://fbssan.org.br>>. Para conhecer a agricultura no Rio de Janeiro visite <<https://aspta.org.br/2014/03/17/conheca-os-produtos-da-gente/>>. Para conhecer as Comunidades que Sustentam a Agricultura visite: <<http://www.csabrasil.org/csa/>>

# TRANSFORMANDO PAISAGENS E RELAÇÕES

Geógrafo e educador, ex-aluno Tomás Mendonça aposta na cooperação e no amor para reconectar pessoas à natureza

Quando cursava o quarto período de Geografia, na PUC-Rio, o ex-aluno Tomás Deleuse Mendonça plantou as primeiras sementes de sua trajetória como agente de transformação socioambiental. Depois de um curso sobre agrofloresta sintrópica, com o suíço Ernst Götsch, juntou-se a outros três colegas de faculdade para desenhar um projeto de sustentabilidade, a partir da ideia de que todo ser tem uma função no planeta Terra. “O ser humano se desconectou muito desta ideia que é fundamental para a vida. E foi isso que a gente se propôs a recuperar”, disse Tomás. Surgia assim o embrião da CARPE Projetos Socioambientais.

Num projeto piloto para o prédio de um dos sócios, transformaram os canteiros do play em hortas de verduras, frutas e temperos, implantaram um sistema de coleta seletiva de resíduos, deram cursos para funcionários, moradores e crianças, e promoveram eventos de integração. Depois, fizeram um portfólio para contar essa história e se apresentar, investiram em pesquisas, cursos, marketing digital e também numa grande rede de contatos.

Em 2011, nascia oficialmente a CARPE, que, em latim, quer dizer aproveitar, mas pode ser também a sigla para Criando Ambientes Revolucionários Pela Educação. Para Tomás e seus sócios, significa revolucionar e transformar para viver.

Hoje consolidada, a empresa executa projetos que transformam espaços ociosos em produtivos, através de plantios agroflorestais; realiza consultorias para quem busca produzir seu próprio alimento; e promove atividades que estimulam a reconexão das pessoas com a terra e o que ela produz.

## Encantamento

“Trabalhamos com o foco em projetos que tragam um encantamento pelos processos de vida que nos cercam e na transformação dos espaços, a partir de ações que



trabalhem com as linhas de agrofloresta, podas arbóreas, gestão de resíduos e educação”, explica Tomás.

Os projetos são executados tanto nas cidades quanto em sítios e fazendas. Desde a sua fundação, a CARPE contabiliza mais de 10.000 espécies plantadas, e cerca de 400 pessoas formadas nos cursos que promove em localidades diversas do Rio, Minas e até da Bahia.

Atualmente, a empresa tem um projeto de apoio à transição agroecológica de agricultores convencionais em Itaipava, com a criação de um centro de formação e sustentabilidade, onde estão sendo desenvolvidos diversos tipos de plantio agroflorestal integrados com outros campos. E, na cidade do Rio de Janeiro, trabalha numa área comunitária de plantio em pequena escala na parte externa do Museu do Amanhã, que é também um local de interação com o público.

“Mais do que uma empresa, costumamos falar que somos um movimento, e dentro desse movimento podemos ir criando inúmeras possibilidades. Trabalhamos transformando paisagens e relações”, diz Tomás Mendonça, para



“TRABALHAMOS COM O FOCO EM PROJETOS QUE TRAGAM UM ENCANTAMENTO PELOS PROCESSOS DE VIDA QUE NOS CERCAM”

TOMÁS MENDONÇA



quem a vida e o sistema no qual vivemos (a Terra) estão baseados em relações de cooperação. “Acreditamos que esse sistema caminha para a abundância e que o sentimento que norteia a vida dentro desse processo é o amor incondicional. Trabalhando na prática com a transformação socioespacial conseguimos, então, botar esse amor incondicional e a cooperação em ação”, explica o geógrafo e educador.

## Harmonia

Hoje com 33 anos e pai de dois filhos pequenos, com sua companheira também vicentina, Tomás diz que os anos vividos no Colégio São Vicente, onde estudou de 1997 a 2005, tiveram grande influência na construção de sua visão de mundo. “Enquanto estudava, ouvíamos muito o lema do colégio sobre a formação de agentes da transformação social. Na época isso não reverberava tanto, mas, com o passar dos anos, esse lema, atualizado para agente de transformação socioambiental, passou a fazer grande sentido para meu movimento de vida. A partir dessa visão social e sempre crítica, com os ensinamentos dos diversos educadores, foi possível me entender como um ator social que tem um papel importante e político dentro dessa sociedade, principalmente na transformação dela a partir de um viés geográfico e espacial, de relações socioambien-

tais. Tudo isso tem por trás a busca por mais qualidade e quantidade de vida, uma vida mais justa, diversa e em harmonia com a nossa própria natureza”.

Tomás Mendonça diz que poderia passar um dia inteiro falando da importância que o Colégio São Vicente teve na sua vida: os valores, conceitos que carrega até hoje, os desafios, aventuras, risadas, brigas, frustrações e vivências que ele só foi valorizar quando já não estava mais lá. “Só nos enxergamos quando saímos da ilha e isso ficou evidente para mim quando fui percebendo a riqueza de vida, realidade, conhecimento e de espaço que tive no SVP”, afirma.

Para os alunos de hoje, ele deixa o recado: “Até hoje eu sinto que aproveitei e corri bastante por todo esse espaço e isso foi fundamental para eu viver o SVP. Portanto, se movimentem e corram bastante por cada canto da escola. No fim o sentimento da escola vai ser carregado com vocês, assim como foi comigo”.

Da esquerda para a direita, Tomás podando uma árvore para torná-la mais forte, no TEDx Blumenau ensinado a cultivar uma horta orgânica caseira, com seu filho Valentim preparando o solo para plantio de banana na Floresta Amazônica, e mostrando a colheita de uma horta agroflorestal no quintal de uma casa.

## O CENTENÁRIO DE PAULO FREIRE E A EDUCAÇÃO LIBERTADORA

**P**aulo Freire nasceu em Recife, Pernambuco, dia 19 de setembro de 1921. E faleceu em São Paulo, Capital, dia 2 de maio de 1997. Formou-se em Direito mas ampliou sua cultura, especialmente com os trabalhos de educação popular. Escreveu muitos livros, deu muitos cursos, publicou séries de documentários sobre as obras de educação que realizou em vários países da América Latina e da África.

Sua obra mais conhecida é **Pedagogia do Oprimido**. Tal livro foi proibido pelos governos militares, até que perceberam que a proibição tinha sido a melhor propaganda: alguém explicou o pensamento assim: “Podem vender, expor à vontade. Esse livro é mais perigoso sendo proibido, copiado à mão, circulando em cópias mimeografadas (que foi como eu o li, em 1968), etc., é mais perigoso do que em pilhas de exemplares expostos numa livraria...”

A prática mais conhecida de Paulo Freire é a educação libertadora. Seu método, que amadureceu e aperfeiçoou-se na educação de adultos, visa ajudar o adulto a ser sujeito do aprendizado que faz, na vida e na escola. Quando o Papa São João Paulo II foi baleado, na primeira tomada de consciência que teve, quando despertava de uma anestesia e ouviu os médicos cochichando o que fazer com ele, disse aos doutores “Quero ser, preciso ser sujeito de minha doença ou de minha enfermidade, e não objeto da medicina dos senhores”. E eu, quando terminei meus períodos de Assistente Geral em Roma, falei com o Visitador, que estava pensando no que fazer comigo: Quero ser sujeito de minha obediência e não objeto de sua autoridade...

Para isso, o ensino deve começar da situação concreta de vida dos alunos adultos que estão no processo. Partir dos problemas que vivem, usando, sempre que possível, o vocabulário deles, mas tentando descobrir, desvelar, neutralizar as forças negativas que existem na maneira de encaminhar os assuntos, quando se faz o que ele caracterizou muito criticamente como educação bancária (o professor que sabe ensina ao

analfabeto que não sabe: por isso, o professor pode “cobrar” nos exames o que ensinou e o aluno tem obrigação de saber...).

Para interessar os Alunos, engajá-los no aprendizado, partia-se da experiência deles, que é original, diversa da dos Professores e dos Colegas. Usa-se a linguagem deles, com o que revela de sua personalidade.

Começando no Instituto Bom Jesus, em Aparecida, em 1969, fui tentando realizar o que lia, o que conversava com os outros professores, especialmente do nosso Colégio São Vicente, onde se estudava e discutia Paulo Freire habitualmente, no processo de educação de adultos, no curso Supletivo. Com outros formadores da Província, participei algumas vezes de encontros, seminários, etc., sobre educação libertadora. Quando fui nomeado diretor do Colégio, participava dos encontros semanais e animei um grupo de professores que lia e discutia Paulo Freire.

Na Feira de Cultura e Compromisso Social de 2019, aluna visita a exposição realizada pela EJA na entrada do Colégio, simulando uma aula de Paulo Freire



### A formação no Colégio São Vicente

Um dos cuidados a tomar, quando se trabalham as intuições e as riquezas do método de Paulo Freire é a coerência entre o discurso e a prática. Uma vez aprendidas certas palavras, com o que significam no quefar de cada dia, é preciso evitar que se usem as palavras por serem bonitas, vistosas, respeitadoras, estimuladoras. A consciência crítica vá aos poucos modificando os enfoques, levando a tratar sempre de modo muito adulto as pessoas, em suas necessidades e suas reações. A maior alegria dos educadores é ver aos poucos o surgimento da individualidade, a afirmação da identidade de cada um. Como exemplo, se na primeira reunião dos Alunos novos do Supletivo de cada ano, ao perguntarmos quem era paraíba, nordestino, levantavam-se muitas mãos. Alguns meses depois, ao perguntarmos quem é paraíba, aparecia um ou outro, assim mesmo, dizendo: “não sou paraíba, sou paraibano”. Outros vão dizer: Sou de Alagoas, do Maranhão, de Sergipe. É inestimável essa riqueza da consciência do ser indivíduo e ter uma identidade. É nessas condições que começam a trazer suas ideias próprias, suas sugestões para as festas, a proposta de temas e problemas para o trabalho de cada dia. Nos Conselhos de Classe, os Representantes de Turmas são muito criteriosos e tentam ser absolutamente fiéis ao que a Turma falou, apresenta, reivindica, sugere, reclama, etc.

Como colégio católico, mantido por Padres e Irmãos vicentinos, é natural, de se esperar, que as práticas partam de uma inspiração já conhecida nos quatro séculos de história da Congregação fundada por São Vicente de Paulo. O **caráter profético** do agente pastoral vicentino nos leva a **denunciar** o que vai contra os desígnios de Deus, a **anunciar** as transformações que o Espírito Santo suscita nos que agem evangelicamente. E é o momento das **ações transformadoras**: Não sou paraíba, sou paraibano. A pedra de toque no trato com as pessoas se concretiza numa frase lapidar de São Vicente: Os Pobres são nossos mestres, nossos senhores. Não temos que rebaixar-nos para pôr-nos ao nível deles; pelo contrário, temos que subir para estar onde estão os Pobres, na sua eminente dignidade na Igreja, segundo a bela expressão que Jacques-Benigne Bossuet aprendeu nas conferências das terças-feiras animadas por São Vicente. Isto deve ser algo absolutamente adulto, livre de demagogias, mas fruto da fé. E assim entra em cena a transformação do processo educativo, à luz da missão. Resumindo essa missão, em palavras imensas, podemos dizer que a) o Professor trabalha com conteúdos; b) o Educador trabalha com atitudes e c) o Formador trabalha com valores, aprontando o campo para que d) o AGENTE PASTORAL TRABALHE PELO REINO DE DEUS.

Algumas práticas se tornam necessárias: À luz da dignidade dos Pobres, não podemos nunca pensar que a educação se faz impondo-se limites. Mas, ao contrário, de fato estamos educando quando toda a prática docente for conscientemente o esforço de **estimular o crescimento** das pessoas, em vez de lhes impor limites, seja do tipo que for. Estes são alguns exemplos do que fica sendo a educação nas linhas sugeridas por Paulo Freire e cultivadas no espírito vicentino. Outras práticas são o falar com as pessoas, o diálogo, com o respeito absoluto ao direito de falar e expor-se, tratando-nos construtivamente.

As Campanhas da Fraternidade cada ano fornecem um tema muito rico que deve desdobrar-se em conteúdos e práticas em cada disciplina.

### Linhas vicentinas na formação dos Nossos

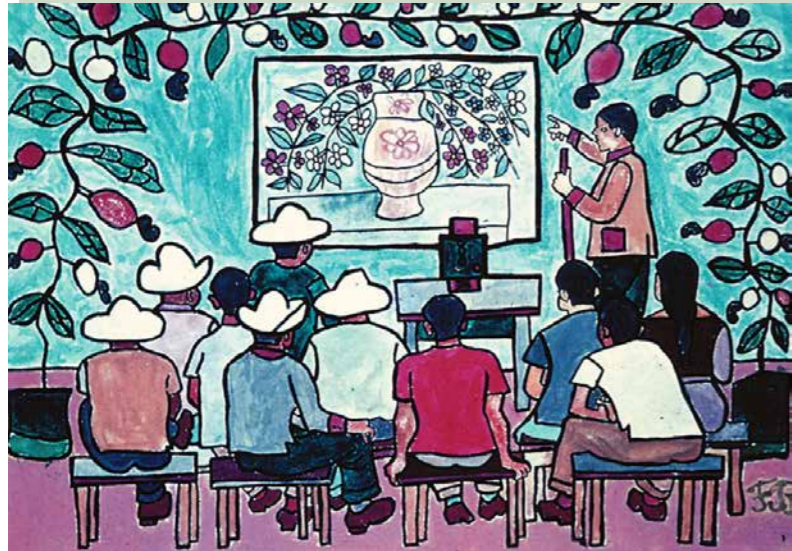
As linhas de formação numa comunidade educativa, num seminário, foram explicitadas assim, as atitudes dos Formadores e de cada um: **estima pessoal** (não se trata de ser amigo de todo mundo, mas de ser amigo de cada um), **presença amiga** (trata-se de estar presente junto às pessoas, com amizade, afeição, bem querer, não de estar junto aos outros como vigia,

**“A MAIOR ALEGRIA DOS EDUCADORES É VER AOS POUCOS O SURGIMENTO DA INDIVIDUALIDADE, A AFIRMAÇÃO DA IDENTIDADE DE CADA UM. “**



como controlador) e **confiança absoluta** entre todos nós (lembrando-nos de que a confiança somos nós que oferecemos, não são os outros que conquistam ou merecem). As qualidades exigidas de cada um, quer já as tivessem, quer fossem ajudados a adquiri-las progressivamente, eram responsabilidade, liderança, bom senso, iniciativa, lealdade, abertura de coração.

O processo formativo tinha duas instâncias independentes, mas fortemente correlacionadas de a) orientação de todo o grupo, nas meditações diárias, nas homilias, nas reuniões semanais para preparar os conteúdos das liturgias dominicais e os assuntos gerais, como a fé, a vocação, a sexualidade, a amizade, etc., e b) o trabalho particular, o atendimento de cada seminarista, nos encontros pessoais de formação.



A dinâmica das reuniões comunitárias era fortemente ajudada por algumas técnicas, como falar com os colegas, em vez de falar dos colegas, o falar levando em conta o que os colegas acabaram de falar. Também o esforço para buscar o consenso, nos nossos interesses comunitários, sem nos permitirmos decidir as coisas por maioria de votos... A responsabilidade de cada um, na medida do seu crescimento, aparecia no modo de pedir as licenças: "posso ir à Rodoviária?" Sempre achei que não deveria tratar um adulto nessa base, se pode ou não pode fazer isso ou aquilo. Nosso esforço era o fato de o Seminarista ver o que tinha de fazer e me avisar ou avisar à Comunidade: "Estou indo à Rodoviária".

Muitas destas frases estão com os verbos no passado, porque estão datadas, dos anos que vivi em Aparecida, no Instituto Bom Jesus (1969-1976), e depois no Rio de Janeiro, como Diretor do Colégio São Vicente (1980-1986; 1999-2013).

Sintetizando estas ideias, sei que as expressões e as intuições de Paulo Freire nos ajudaram imensamente, na medida em que passaram a fazer parte do nosso comportamento pessoal e comunitário. Por exemplo, passei uns vinte e tantos anos tentando evitar uma frase assim: *you should study or you have to study*. Isso nunca adiantou a ninguém, penso que nunca moveu ninguém. Mas, se digo a meu filho: "Rapaz, você é inteligente, já provou que dá conta das coisas no estudo. Você não se sente bem quando consegue fazer uma coisa com empenho, esforço e bons resultados? Não gostaria de fazer isso mais vezes? E se eu ajudar, não topa se esforçar nessa linha?"

Não me limitei a censurar e criticar o rapaz por não estudar. Lembrei que tem as condições. Recordei as experiências de realização que já viveu. E o desafiei a repetir essas experiências realizadoras mais vezes. E, especialmente, propus-me ajudá-lo para que consiga. Em vez de 3 ou 4 palavras, desenvolvi um processo de tomar consciência de suas capacidades, de lembrar que já fizemos coisas boas, e, sobretudo, ofereci a ajuda do adulto que estimule esse comportamento. Usei 40 palavras e ativei meu coração de educador, desafiando o adolescente a ser alguém. Isso é um resumo do modo de ser e educar que nos deixou Paulo Freire. Mas não foi só a frase que ficou maior: agora se vê que instauramos um processo que nos levará aos bons resultados esperados e necessários, se formos coerentes, lúcidos, corajosos em nossa missão.

**Pe. Lauro Palú, C. M**

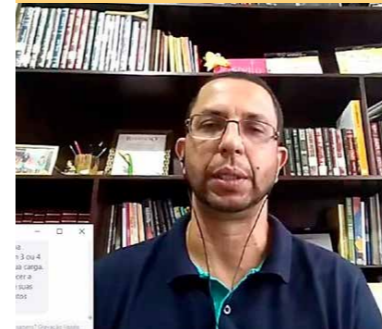
(Publicado originalmente no Informativo São Vicente, n. 315, da Província Brasileira da Congregação da Missão)

Ilustração de Francisco Brennard para o PNA - Plano Nacional de Alfabetização, de 1963

## MOMENTO POLÍTICO-CULTURAL 2021

Na semana do dia 13 ao dia 18 de setembro de 2021, foi organizado pelo Grêmio Tropicália o Momento Político-Cultural. O evento trouxe à tona várias temáticas cotidianas que geralmente não são tratadas em ambiente escolar, promovendo diversos debates on-line entre os estudantes e os convidados.

Durante a semana, os alunos foram apresentados a uma série de aspectos contemplados na definição de educação libertadora, desenvolvida pelo patrono da educação brasileira, Paulo Freire. A educação libertadora visa a aulas com debates, construções críticas e a participação massiva da comunidade estudantil, fortalecendo o lema prezado pelo colégio, o qual prevê a formação de agentes da transformação social.



No **primeiro dia (13/09)** o espaço de debate foi composto pelo historiador Fernando Penna e o vereador suplente Ívano Rodrigues. A discussão foi acerca do Novo Ensino Médio, a partir da qual, os estudantes tiveram a chance de formar suas próprias opiniões sobre a reforma, além de conhecê-la melhor.

Já no **segundo dia (14/09)**, estiveram presentes Bruna Mascarenhas e Christian Malheiros, atores da série *Sintonia* (Netflix), e o sociólogo Klaus Graban. Nesse dia foram discutidas diversas problemáticas abordadas no seriado como a desigualdade social, o racismo, os sonhos, a entrada no tráfico de drogas e a atuação de igrejas evangélicas nas áreas mais pobres da cidade.



No **terceiro dia (15/09)** tivemos a presença do engenheiro ambiental Wallace Alves, do poeta e ativista indígena Kandu Puri e da jovem ativista moçambicana Glória Machel. Infelizmente, Glória teve um problema de internet que atingiu uma parte da cidade de Maputo e não pôde ficar até o fim do debate, que seguiu

com os outros dois convidados. Foi trazida a questão do racismo ambiental por Wallace e a da revolta, por Kandu,

com o genocídio dos povos indígenas e a destruição da natureza, por conta da política aplicada atualmente.

No **quarto dia (16/09)** a atriz Lian Gaia contou um pouco da sua trajetória como artista indígena e também houve a presença dos atores Lúcio Mauro Filho e Tonico Pereira, o que trouxe um contraste muito interessante em relação às histórias e vivências de cada um.



No **quinto dia (17/09)** tivemos a presença da cantora Leila Maria, que falou da sua trajetória de vida como uma mulher preta, até se tornar famosa, sendo vice-campeã do programa *The Voice +*. Contamos também com a presença da rapper indígena Kae Guajajara, que novamente trouxe um olhar crítico acerca dos direitos dos povos indígenas, e também do professor de música Thiago, que veio falar um pouco sobre o funk, trazendo até uma percepção diferente do estilo musical, afirmando que ele é mais complexo que a música clássica europeia.

No **sexto e último dia (18/09)** tivemos o Debate Político entre o deputado Paulo Ganime (NOVO) e o vereador Tarcísio Motta (PSOL). Os temas debatidos pelos convidados foram sugeridos pelos estudantes vicentinos por pesquisa do GREM, o que possibilitou um debate muito equilibrado, respeitoso e rico, mostrando que mesmo políticos, de bandeiras diferentes, têm suas divergências, porém também têm suas similaridades de pensamentos, ideologias e pontos de vista.



E assim foi realizado o Momento Político-Cultural de 2021, trazendo muitos questionamentos acerca da nossa sociedade, muito aprendizado sobre diversos temas e cumprindo, desse modo, os quesitos da educação libertadora proposta pelo maior educador brasileiro.

**Grêmio Tropicália**



## NASCE A ESCOLA SÃO VICENTE DE PAULO

Aberta em Nova Iguaçu, ela é destinada a crianças de 3 a 5 anos, totalmente gratuita e funciona em tempo integral

O Colégio São Vicente de Paulo acaba de ganhar uma nova irmã. Trata-se da Escola São Vicente de Paulo, aberta em Nova Iguaçu, na Baixada Fluminense. Voltada para a Educação Infantil, a nova escola está funcionando desde agosto em regime integral, é totalmente gratuita, mantida e dirigida pelos padres e irmãos da Província Brasileira da Congregação da Missão (PBCM).

No sábado, 25 de setembro, a escola recebeu a bênção de suas instalações do Bispo de Nova Iguaçu, Dom Gilson Andrade da Silva, seguida por um café da manhã, em que estiveram presentes educadores, representantes da Província e outros ramos da Família Vicentina (Filhas da Caridade, Sociedade de São Vicente de Paulo), além do bispo e do pároco local.

“Estamos aqui para inaugurar oficialmente a Escola São Vicente de Paulo. No ano passado nós celebramos 200 anos da Congregação no Brasil, e a Província pensou numa ação missionária, de serviço aos pobres, que pudesse marcar essa data. A abertura da Escola de Educação Infantil em Nova Iguaçu concretiza o compromisso da

PBCM de fidelidade ao espírito de São Vicente e às exigências do Carisma Vicentino”, disse, na cerimônia, o Padre Ely Chaves, provincial da Congregação no Brasil.

Com a progressiva desativação da Educação de Jovens e Adultos (EJA) no Colégio São Vicente, prevista para encerrar seus trabalhos no final de 2022, a Província optou por investir num segmento da educação que ainda não está universalizado. “Investir na educação infantil, com certeza, é investir na possibilidade de um futuro melhor para as crianças e suas famílias romperem com o cruel círculo de pobreza e exclusão”, afirmou Padre Agnaldo Aparcido de Paula, diretor do CSVP.

Em Nova Iguaçu, particularmente, a carência desse segmento é grande. Dados do Instrumento de Diagnóstico Situacional da Primeira Infância do município apontam que, em 2014, mais de 90% das crianças de 0 a 3 e 44,5% das crianças de 4 a 5 anos estavam fora da creche ou da pré-escola.

Também foi de fundamental importância para a criação da escola a parceria com a

Companhia das Filhas da Caridade, que cedeu em regime de comodato um imóvel onde funcionou um projeto social voltado para crianças e adolescentes. A casa, localizada na Estrada da Fazenda, 166 – Jardim Esplanada, passou por uma grande obra, para se adequar às exigências legais e técnicas de funcionamento da escola e para receber as crianças com segurança e conforto.

São 24 cômodos na parte interna: cozinha, refeitório, salas de aula, laboratório de informática, salas de reunião, banheiros e salão multiuso. Na área externa, que ganhou um belo projeto de jardinagem, há também uma pequena horta, e foi construída ainda uma quadra para atividades físicas e adquiridos brinquedos para o parquinho. Os móveis e equipamentos para as salas, cozinha e refeitório são todos novos.

“Como ensinou São Vicente, a obra começa, vai se desenvolvendo e, de acordo com as demandas, buscam-se as respostas, é o que temos feito. A PBCM tem se mostrado profundamente sensibilizada e comprometida em oferecer o melhor dos seus recursos às crianças e famílias atendidas, bem como à equipe de educadores que foi constituída”, disse Pe. Agnaldo.

A escola tem capacidade para receber até 110 crianças, de 3 a 5 anos. No momento, tanto por conta da pandemia quanto para favorecer a formação de vínculos entre a equipe de educadores e a assimilação do Projeto Político-Pedagógico Vicentino, há 40 crianças matriculadas, em quatro turmas, funcionando apenas no regime

presencial: duas turmas do Maternal II e duas turmas da Pré-Escola 1.

A equipe é formada por coordenadora pedagógica, orientadora educacional, nutricionista, quatro professoras regentes, duas inspetoras de alunos, professora de psicomotricidade, secretária, assistente administrativa, educadores na portaria, zeladoria, manutenção e cozinha, a maioria da própria região.

“É importante destacar a participação voluntária de vários educadores do CSVP no processo de seleção e na realização da Jornada de Formação preparada para equipe da ESVP. Além disso, muitos outros profissionais do Colégio já se prontificaram para auxiliar no projeto”, contou o diretor do São Vicente. Assim que possível, passada a pandemia da Covid-19, o desejo é envolver algumas séries do CSVP, especialmente do Ensino Fundamental 1, em projetos com as crianças da Escola em Nova Iguaçu.

Pe. Agnaldo e o Bispo de Nova Iguaçu, Dom Gilson da Silva, na bênção das instalações da nova escola: as salas de aula, o pátio com brinquedos, a quadra poliesportiva, a cozinha, a pequena horta e a sala de informática.

# POEMA EM CENA

Depois de quase dois anos de isolamento social imposto pela pandemia, nada melhor do que a poesia para nos reconectar. Para os jovens, sobretudo, aliados do saudável convívio escolar, ela é uma janela privilegiada para liberar sentimentos represados e expressar anseios e emoções por tanto tempo armazenados.

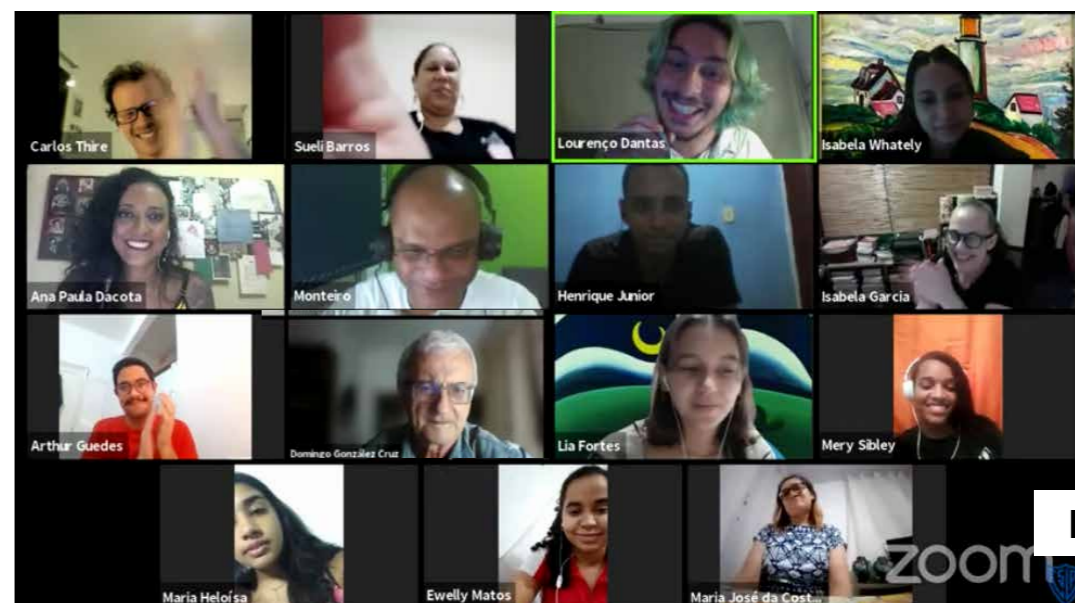
Pensando nisso, e marcando os 150 anos da morte do poeta Castro Alves, a APM lançou o Concurso Literário Poema em Cena, voltado para alunos do 9º ano do EF ao 3º ano do EM, e da 9ª. Fase, 2º, 3º e 4º módulos da EJA.

Sob a coordenação do Professor Maurício Krause, 25 candidatos se inscreveram no turno da manhã e 33 no turno. Desse total, foram classificados 10 poemas de cada

segmento sob o delicado olhar dos professores André Mucci e Débora Finamore.

Nos dias 29 de outubro e 5 de novembro, os classificados fizeram a apresentação de suas poesias, numa *live* pelo canal do CSVP no YouTube, seguida de recital em homenagem a Castro Alves. Com roteiro e seleção de Maurício Krause, os poemas foram declamados por atores do grupo teatral Zagredos, sob a supervisão da Professora Ana Brasil.

Ao final do evento, os jurados (entre atores, poetas, escritores e professores de literatura) escolheram três vencedores de cada segmento, que receberam vales de livrarias como prêmios de incentivo ao aprimoramento de cada um. Viva a poesia!



**EJA**

1º LUGAR

## Ano roubado

Cecília Lopes Sá Martins

Pega, ladrão.  
Ali! Foi ele.  
Ele quem?  
Não sei. É invisível.  
Não tem retrato falado.  
Veio de longe  
virou colega de quarto  
e me roubou o ano.  
Faço boletim de ocorrência,  
mas as autoridades  
estão ocupadas.  
É preciso evitar novas perdas.  
"Um ano é pouco",  
dizem os otimistas.  
"Poderiam ser todos".  
Mas era meu.  
Me pertencia.  
Nos meus sonhos,  
um dos melhores.  
Levaram o meu ano  
para trancá-lo num quarto.  
Para deixá-lo pálido  
sem direito ao sol.  
Sem direito a sorrisos,  
abafados na máscara.  
Alimentado com Netflix,  
lfood e desespero.  
Meu ano roubado  
vive refém num cativo.



**ENSINO MÉDIO**

2º LUGAR

## Garganta

Luísa Pereira da Silva Goldenstein

Esqueci o gosto do mundo e não gosto mais de olhar no olho.  
Acho que talvez nunca nem gostei.  
Mas o que digo não ligo, o que sinto eu odeio, e o que foi não volta,  
viveremos pra sempre em um gosto amargo no fim da garganta.  
Hoje pinteí as unhas de vermelho e seria segredo, mas não sei se consigo segurar.  
me enfeitei apenas para pegar o telefone e discar:  
nove nove nove e o resto foi automático  
sua voz me acertou em cheio, vivendo uma vida por dois minutos.  
Quase implorei "minta pra mim"  
mas não o fiz.  
Concentrei infinitos batimentos cardíacos em apenas um metro quadrado, e disse "vá"  
vá pois a saudade que sinto não tem mais solução, e não posso negar o percurso da memória,  
o meu passado nada mais é do que a história que eu conto para mim mesma antes de dormir, e com o tempo, fragmentos de quem você foi se vão, juntos com o carmim que em minhas unhas tingi para que você dissesse que me ama pela última vez.

3º LUGAR

## A Revolução

Paulo de Almeida Magalhães Neto

Desde pequeno nos ensinam sobre o amor  
Mas como ensinar um sentimento?  
A própria palavra já diz  
Por isso saiba que amor não se ensina  
Se sente

Mas afinal o que é amar?  
É um camarada que sempre está do seu lado  
Mas que muitos não conseguem sentir  
E é por isso que eu vou lutar  
Para que um dia todos possam amar!

É verdade que me empurram  
Mas eu me levanto  
Eu não tenho medo  
Eu me fortaleço  
Eu estou coberto de amor

Aí me dizem que eu sou radical  
Que eu falo pelos mudos  
E que nada vai adiantar  
Pois meus espectadores são cegos e surdos

Eu não desisto  
Parece maluquice  
Minha voz está quase acabando  
Até que de repente, no fundo da multidão  
Me respondem

Por isso quando falam para eu me calar  
Eu continuo falando  
Me mandam descansar  
e eu continuo andando

De repente aparece uma arma  
Apontada na minha direção  
Mas eu não temo  
Sou feito de amor  
E o amor é à prova de balas

2º LUGAR

## Espelho Embaçado

Henrique Lourenço de Melo Júnior

Passando por onde passei  
Buscando não errar onde já erreí.  
No espelho embaçado do futuro,  
Escrevendo por linhas tortas o presente.  
Vivendo um momento de cada vez,  
Sem pressa, para não desembaralhar  
Onde já embaralhei.  
Me pegando pensando: onde foi que eu erreí?  
Se já me entreguei em seus braços  
E hoje já não amo quem amei.  
Cidade fria e sem sentimentos,  
Buscando encontrar o meu alento.  
O que era cheio, hoje é vazio.  
Nos rostos, máscaras que tampam sorrisos.  
A distância que era postal,  
Hoje se tornou virtual.  
Os abraços que eram reais,  
Agora, distante, não são tão banais.  
Mas, quanto mais eu fujo,  
Ela me enlaça em seus cabelos de saudade.  
Um café quente no fim da tarde,  
Me traz de volta o remanso  
Desse mar agitado.

1º LUGAR

## Proserpina

Mery Cristina Rosa

A felicidade me abraçou  
Como uma brisa de primavera  
Que beija as flores pela manhã  
Os dias ganharam cor  
Outros aromas  
Um novo amor

E como um sopro  
Uma nova emoção  
Nasce no peito uma nova paixão

Do fundo da Terra  
Brotar o amor  
Revelando os mistérios  
Nascendo em flor

Mas tão logo floresce  
Em meus braços entardece  
E na noite implicante  
Teu sono em mim desce

O frio me toma  
Espinhas e neve em soma  
E pelas mãos do Cavaleiro  
Volte ao reinado, cativo

3º LUGAR

## Sol

Ewelly Matos

Imerso na escuridão, silêncio completo.  
Submerso na solidão, estava inquieto.  
Podia até ser o centro do Universo,  
Mas ninguém chegava perto.  
Se sentia só; incompleto.

Ao lado, os participantes do 9º ano e do EM, em 29 de outubro, e, acima, os concorrentes da EJA e jurados do concurso, na apresentação dos poemas, no dia 5 de novembro.



### 3ºA

ALICE KODAMA FLEXOR  
 ANA CRAVO ARAUJO SILVA  
 ANDRIELE PEÇANHA PINTO  
 ANTONIA BARROS GONZALEZ  
 ARTHUR DO CARMO LIMA  
 BERNARDO MARINHO SAMPAIO  
 BRUNO KEMPER SABOIA DE ALBUQUERQUE  
 CATARINA FILGUEIRAS SAUERBRONN  
 CELY WERNECK CARVALHO SANTOS REIS CLETO  
 GABRIEL PINTO ARANTES  
 ISABEL FERAZ DE OLIVEIRA ALVES MACHADO  
 JOSÉ HERMETO KUBRUSLY  
 JÚLIA LOPES CORREIA DOS SANTOS  
 LEONARDO MACHADO DE MACEDO  
 LUÍZA GUALBERTO DA SILVA AMORIM  
 MARIA CLARA GONDOMAR RENTE SILVA  
 MARIA MIRANDA DE MORAES  
 OLIVIA ARANHA BALDRIDGE  
 PEDRO DA COSTA PONTES  
 RODRIGO LUDUVICE ROMANAZZI  
 TOMÉ DE MIRANDA TELLES DE MIRANDA  
 PEDRO GONÇALVES DA CUNHA  
 PEDRO HENRIQUE DE PADUA TRAVASSOS  
 PEDRO LUÍS RODRIGUES DE AZEVEDO  
 PEDRO VIOLA ALVES DE SOUZA  
 VICTOR BORBA TABOAS CANET



### 3ºB

ANA CLARA KROPF HOCHMAN  
 BÁRBARA CHAVES LACERDA  
 BERNARDO CARRIJO ZALUAR  
 BRUNO CYTRYN FERNANDES  
 CAIO AMARAL MYTTON THORNYCROFT  
 CAROLINA CAMPOS PEDRO  
 CAROLINA LINS E SILVA NEY  
 HELENA GRANDCHAMP VENANCIO  
 JOÃO ANTONIO LUSTOSA DE ALMEIDA  
 LAURA DAS NEVES CHOMSKI  
 LUCAS RODRIGUES ABRITTA  
 LUIZA MENEZES ALVES DE OLIVEIRA  
 MAIA ROCHA COENTRO BURGOS  
 MANUELA ARGÔLO FAVILLA  
 MANUELA MEDRADO MATTAR  
 MARINA CASOTTI DINIZ  
 MIGUEL TARANTO DE VASCONCELLOS  
 PEDRO VARJÃO VIEIRA RIBEIRO GONÇALVES  
 RAFAEL MARTINS RODRIGUES  
 SOFIA WERLANG DO COUTO MELLO  
 TITO BARROS GOMES  
 TOMÁS RIBEIRO SANTA ROSA



### 3ºC

BERNARDO FORTES PIQUET PESSÔA  
 BERNARDO SAMPAIO SILVA  
 CAROLINA CONDE POZZI  
 CAROLINA LEON MARTINS  
 CLARA PEREIRA DA SILVA GOLDENSTEIN  
 FELIPE CASTELLO BRANCO FEIJÓ SAMPAIO  
 FRANCISCO LOU GARDENBERG  
 FRANCISCO MEIRELLES FLEURY  
 GABRIEL CABRAL ACHCAR SOARES  
 GABRIEL DUARTE SOARES  
 GABRIEL WARGAS DE FARIA BAPTISTA  
 GABRIELA GORDILHO VERMELHO  
 HENRIQUE BASTOS PAIXÃO GOMES  
 JOÃO GALETTI CARVALHO  
 JOÃO PEDRO MAGALHÃES DANTAS  
 JULIA WILLIGSECKER LAUTERT  
 LAURA TOLEDO SILVA MARTINIANO FERREIRA  
 LOURENÇO CAVANELLAS REBELLO  
 MANUELA CABRAL PAGLIARO  
 MARIA ALICE CASTRO MENEZES RIBEIRO  
 MARIA CLARA MATHIAS SCHWERDTNER  
 MIGUEL AMORIM LAMOGLIA  
 MURILO PINHEIRO MAIA DE LUCENA  
 PALOMA MADRUGA DE ALMEIDA  
 PEDRO ECARD SANDRONI  
 RAFAEL CHAVES BAYÃO RIBEIRO

### 3ºD

ALINE VIVIAN CORRÊA MILLER  
 ANTÔNIO SANTOS TREISTMAN  
 CAROLINA FERREIRA CHATAIGNIER  
 CAROLINA GALVÃO MAIA  
 CLARA BONATO MOSMANN  
 CLARICE XAVIER FERREIRA DE SÁ  
 GABRIEL SERGIO DE LIMA  
 GUILHERME BADARÓ SOARES  
 ISABELA BRACK BUNGNER  
 JOÃO GUILHERME REZENDE BEZERRA LÔBO  
 LARISSA DE LIMA ROEDEL  
 LAYLA DOS REIS FARHA  
 LETÍCIA VIEIRA MARQUES MONTEIRO  
 LIA MACHADO FORTES  
 LUIZA GUIMARÃES CANABRAVA  
 LUIZA HELENA TOMÁS ZEFIRO  
 MANUELA SANTAROSA BOLSONI  
 MARINA DE CASTILHO SÁ MARQUES  
 PAULO DE ALMEIDA MAGALHÃES NETO  
 PEDRO LUIZ HAHN EMILIANO  
 RAPHAEL BENCARDINO KUNTZE  
 TIAGO DO BRASIL JANSEN  
 YASMIN COELHO SOARES



## SOMOS TODOS CAPACITISTAS?

Dados divulgados pela OMS (2011) apontam que há 1 bilhão de pessoas no mundo com alguma deficiência. De acordo com o Censo (2010), no Brasil, 24% da população declaram ter alguma deficiência. Isto representa quase um quarto da população brasileira e é urgente nos perguntarmos: onde estão todas essas pessoas e quais espaços ocupam na sociedade? No Brasil, até pouco tempo, pessoas com deficiência eram violentamente segregadas, mantidas em casa ou em instituições médicas, onde viviam situações de violência e abandono. Essa é a triste herança das Idades Antiga e Média, quando se acreditava que deficiência indicava maldição por pecados cometidos em vidas anteriores e que, portanto, pessoas com deficiência deveriam ser excluídas.

O legado de tantos anos de exclusão forjou a sociedade em que vivemos - estruturalmente capacitista. Aliás, o preconceito em relação às pessoas com deficiência, até pouco tempo, sequer tinha nome. Hoje, chamamos **capacitismo** as situações em que características humanas são hierarquizadas, resultando em discriminação em razão da deficiência. Esse preconceito se expressa de várias formas. Por exemplo, quando vemos pessoas com deficiência como coitadas, anjos ou heróis; quando supomos que pessoas com deficiência são incapazes ou infelizes; quando nos referimos a pessoas (com ou sem deficiência) usando termos pejorativos como "retardadas", "lesadas" etc; quando naturalizamos o fato de não encontrarmos pessoas com deficiência nos espaços em que frequentamos. Essas são algumas das formas de desumanizarmos uma pessoa, por conta de sua deficiência. Agora, pare um minuto e pense se você reproduz algum desses comportamentos. Esse convite não é para culpar pessoas, mas para combater ideias, que são incorporadas - como se fossem naturais - desde que nascemos.

**“O PRECONCEITO EM RELAÇÃO ÀS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA, ATÉ POUCO TEMPO, SEQUER TINHA NOME.”**

Infelizmente, somos constituídos em uma sociedade que invisibiliza e estigmatiza pessoas com deficiência, a tal ponto que sequer enxergamos que as pessoas com deficiência possam ter uma vida plena: com amigos, amores, desejos e sonhos. Parafraseando Angela Davis, “em um mundo capacitista, não basta não ser capacitista; é preciso ser anticapacitista”. Para isso, é urgente nos interrogarmos sobre os espaços de privilégios que ocupamos e nos reconhecemos como parte de um mundo deficiente.

Ser anticapacitista passa por um questionamento radical das normas sociais que oprimem e inferiorizam pessoas por causa de suas características; mas passa, principalmente, por um processo contínuo de desconstrução das nossas próprias crenças e atitudes, em que não há linha de chegada. Ser anticapacitista é ação, é algo dinâmico, que se atualiza a cada momento, a cada interação que estabelecemos com o mundo e com as pessoas no cotidiano. Você convive com pessoas com deficiência? Já convidou algum amigo dos seus filhos que tivesse deficiência para brincar em casa? Você tem algum/a colega de trabalho com deficiência? Que tal começar por “estranhar” essas ausências?

Em um país desigual e intolerante, que violenta pessoas todos os dias, é urgente mudar o olhar para a construção de um mundo que inclua todos incondicionalmente. É uma jornada, em que não há um ponto final. Desafiador? Muito! Mas essa é a única saída se queremos contribuir na construção de um mundo mais humano. Não como caridade, mas como questão de justiça. Esse é um compromisso de todos e de cada um. Vamos juntos?

**Paula Ramos**

Mãe do Bernardo (T402) e da Clarice - que tem 22 anos e possui uma síndrome rara (cri-du-chat); professora da UFRJ (Instituto Nutes de Educação em Ciências e Saúde)

## SVEM EM VÍDEO

Um registro lindo e emocionante do que foram os meses de distanciamento físico imposto pela pandemia de Covid-19. Assim poderia ser resumido o clipe de *O Dia em que a Terra Parou*, lançado em 1º de setembro pelo Coral São Vicente Ensino Médio, o SVEM. Fruto da determinação do grupo de manter os ensaios no modo remoto, gravando vozes e imagens à distância e ajustando o ritmo virtualmente, a música de Raul Seixas e Cláudio de Azevedo ganhou arranjo de Carlos Veiga Filho e foi executada pelos coralistas do SVEM com regência de Taiana Machado e preparação vocal de Danilo Frederico. O primoroso vídeo teve edição de imagem de Arthur Cebrian e edição de áudio assinada por Léo de Freitas. Não deixem de ver e rever no Canal do Coral SVEM no YouTube. <https://www.youtube.com/channel/UC6UOqH7rPbaX6nhJqgSmOA>



## FICA, ESPANHOL

No dia 27 de outubro, alunos do Ensino Médio fizeram no pátio um ato em defesa da manutenção do ensino do espanhol no colégio, com direito a faixa, megafone e muitos testemunhos de apoio. Com a reforma do Ensino Médio, a disciplina deixa de ser obrigatória, mas pode ser incluída na grade curricular por opção de cada escola. Os estudantes tiraram uma nota oficial a favor das aulas de espanhol no SV, assinada por mais da metade dos alunos do 9º ao 3º ano, e reivindicaram seu direito a voz num assunto que lhes diz diretamente respeito.



A APM, com apoio do CSVP, apresenta:

## GABRIEL SÓ QUER SER ELE MESMO

### PAPEIS DE GÊNERO

Também por iniciativa da APM, e com o apoio da Direção do colégio, os alunos dos 3º, 4º e 5º EF e suas famílias puderam assistir, on-line, ao musical *Gabriel só quer ser ele mesmo*, em três sessões distintas no dia 30 de setembro. Com humor, leveza e muita música, a peça conta a história do menino Gabriel, de 8 anos, que gosta igualmente de futebol e de balé, assim como de rock e de poesia. Mas a escola em que ele estuda o desencoraja a fazer atividades ditas "de meninas". Depois das apresentações, todos puderam participar de debates com a autora, os diretores e o elenco do espetáculo, mediados por dois diretores da Associação. Um momento descontraído e muito oportuno para se pensar a questão da imposição de papéis de gênero na infância e o reforço desses estereótipos na escola.

### Caros alunos,

Penso que todos deveriam refletir sobre o papel que a escola desempenha em suas vidas ao invés apenas de fazer o que lhe mandam, cumprir suas obrigações e ser aprovado ao final do ano letivo. A escola é um espaço privilegiado, não apenas onde podemos aprender mas, principalmente, no qual temos ou devemos ter a liberdade de pensar. Você não aprende coisas para escolher uma profissão futura, dificilmente uma profissão é escolhida, portanto, não podemos desenvolver apenas uma aptidão, apenas um saber... Podemos resumir todo o aprendizado como tendo um único objetivo: aparelhar sua mente para que esta pense sempre cada vez mais e melhor. Para que você esteja atento ao que acontece ao seu redor, para que possa ser capaz de fazer opções refletidas, para que nunca perca de vista que o objetivo primordial da vida é ser feliz. Espero que, mesmo de forma mínima, eu tenha contribuído para vocês perceberem o quanto é importante refletir antes de agir.

Hugo Pinheiro

### CICLO DE DEBATES

No mês em que se celebrou o centenário do patrono da educação no Brasil, Paulo Freire, a APM lançou um ciclo de debates em sua homenagem, visando aumentar e enriquecer ainda mais o convívio da comunidade escolar vicentina. O primeiro encontro, realizado virtualmente em 28 de setembro, foi sobre o tema *Comunicação Não-Violenta* e contou com palestra interativa de Leticia Carneiro, facilitadora de aprendizagem socioemocional e mãe vicentina. Para privilegiar os alunos que estão se formando e seus responsáveis, o segundo encontro do ciclo foi uma a roda de conversa afim ao segmento, sobre o tema *Saúde emocional, pandemia e uso de drogas*. Realizado no dia 23 de novembro, contou com a presença de responsáveis e educadores do CSVP. O Ciclo de Debates Paulo Freire terá prosseguimento em 2022.

## MAIS LIVROS

A APM - Associação de Pais e Mestres do CSVP, tradicional apoiadora da biblioteca do colégio, está colaborando com a reposição de títulos e exemplares para a Ciranda de Livros do Ensino Fundamental. Na Ciranda, cada turma tem sua própria caixa de livros, adequados ao segmento e a faixa etária dos alunos, a serem trabalhados conjuntamente pelos professores e a coordenação da biblioteca. É o projeto chamado *Mais livros*, que só neste segundo semestre fez a aquisição de 337 novos livros para a Ciranda do EF. O projeto prevê ainda campanhas de doações periódicas de livros (provavelmente semestrais, em datas simbólicas como o Dia do Livro, por exemplo) da comunidade vicentina para o colégio e também para outras instituições parceiras, com o objetivo de contribuir para a difusão do hábito da leitura.



## ADEUS, BRUXO

"Um excelente professor. Uma personalidade marcante. Um ídolo de muitos. Quase uma lenda", dizia sobre o grande Hugo Pinheiro uma das muitas mensagens em sua homenagem, no grupo de ex-alunos do CSVP do Facebook, postadas no dia de seu falecimento, 12 de setembro. Carinhosamente tratado como "bruxo", Hugo entrou no São Vicente em 1988, como professor de física, mas acabou sendo muito mais: ao longo de sua história, foi um dos educadores mais originais e queridos do colégio, que ele considerava a escola inesquecível da sua vida. Descanse em paz, mestre!

Homenagem a Hugo Pinheiro, com caricatura de Iuri Lioi, na edição nº 60 de A Chama, de junho de 2000, e carta do professor aos alunos formandos de 2005

## “DE SEU MOVIMENTO VIRÁ SUA FORÇA”

**Livro: Torto Arado, de Itamar Vieira Junior, Todavia, 2019, 262 páginas.**

Muitas perguntas podem ser feitas ao livro-mundo Torto Arado, como se refere a esse romance de tirar o fôlego seu autor, Itamar Vieira Jr. Muitas questões podem ser levantadas sobre o Brasil que subsiste nas estruturas coloniais encravadas em parte de seu território, em particular no Nordeste, que o etnógrafo e funcionário do Incra percorreu durante anos, enquanto gestava seu romance.

“A vontade de contar essa história, da relação de duas irmãs e da relação delas com os pais e a terra, nunca me deixou. Descobrir o campo brasileiro me devolveu essa vontade”, diz Itamar a seus entrevistadores no programa Roda Viva, da TV Cultura de São Paulo, disponível no youtube<sup>1</sup>. As ideias que fluem e refluem nas perguntas e respostas da entrevista podem alimentar a reflexão sobre a urgência de arrancar nosso país de hoje da colônia que ele ainda insiste em ser. Mas o que dizer do texto senão que é incontornável, que sua leitura é imprescindível, que o livro instala em nossas moradas urbanas, com sua prosa musical e apaixonada, um mundo distante e subitamente muito próximo, o campo brasileiro e suas personagens mais vulneráveis.

Arado, como se sabe, é uma ferramenta carregada pelo boi e conduzida pelo trabalhador rural para revolver a terra onde as sementes espalhadas irão brotar e se transformar em alimento. Pois a terra não é nada sem o trabalho dos homens e das mulheres que impedem a mata de crescer, fazem o sequeiro dar frutos, transformam a coivara velha em pasto. Como a língua, tornada no livro metáfora desse instrumento agrícola, que surge como veículo encantado, capaz de libertar suas narradoras de seus destinos atrelados à servidão em que vivem e na qual viveram seus ancestrais.

Pois graças a uma cura obtida por seu pai, Zeca Chapéu Grande, curador de jarê, Bibiana e Belonizia, as irmãs protagonistas do romance, poderão frequentar a escola inaugurada pelo prefeito do município de Água Negra e, deste modo, se tornarem elas mesmas autoras de suas histórias. “De seu movimento virá sua força”, diz a encantada Santa Rita Pesqueira, na noite de Santa Bárbara, à futura professora de filhos de trabalhadores rurais, que assim como sua irmã, que prefere revirar a terra dos quilombolas para dela retirar sustento e sentido, torna-se consciente de viver num sistema de exploração, equilibrando-se ao longo das 262 páginas do livro entre a crença e a descrença na possibilidade de ter seus direitos à propriedade da terra enfim reconhecidos.

Esses e tantos outros elementos com os quais nos brinda Itamar Vieira Jr., numa amarração poderosa entre linguagem regional, cultura e história social da propriedade da terra, ressurtem num Brasil atemporal, magistralmente representado no livro. Até quando comunidades tradicionais serão privadas de um direito sacramentado pela Convenção 169 da Organização Internacional do Trabalho, da qual nosso país é signatário?

Torto arado é, segundo seu autor, um livro que fala de permanência. Eu diria que ele representa e também confirma a esperança numa mudança que todos almejamos: uma sociedade mais justa, multicultural, fraterna. Editado pela Todavia em 2019, Torto Arado é o primeiro romance de Itamar Vieira Jr. Foi laureado com os prêmios Leya, em Portugal, Jabuti e Oceanos, no Brasil.

**Ana Valéria Lessa**

jornalista, tradutora e professora de francês na Aliança Francesa, é mãe do aluno Loïc Martins Lessa, da turma 1A EM

1 - Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=M9iUc2UHBQ&t=3243s>



## A CHAMA PUBLICOU HÁ ... 47 ANOS

“Quem viu, naquela noite, o Jornal Nacional da TV Globo ou quem leu o Jornal do Brasil do dia 20 e, sobretudo, quem esteve presente e participou, não esquecerá jamais o espetáculo daquele último dia de aula do 2º grau, por coincidência, o Dia da Bandeira. Único no gênero, em nossos quase 16 anos de história”.

O parágrafo acima faz parte de uma matéria publicada no número 8 da revista *A Chama*, de dezembro de 1974. Ela tratava do reflorestamento do terreno atrás do colégio, uma área de quase 300 metros morro acima, que já havia perdido boa parte de sua vegetação nativa.

Numa época em que ainda não se falava em emergência climática, ecologia ou preservação ambiental, um professor recém-chegado ao colégio, Clóvis Dotori, de geografia, chamou atenção para a situação do morro.

E, convocados pelo coordenador do então 2º grau, o querido prof. Jorge Luiz, alunos e professores se engajaram na campanha de reflorestamento da área. No dia 19 de novembro, depois da última prova do ano, um mutirão armado de pás, enxadas e mudas subiu o morro para o replantio do terreno, que voltou à sua vegetação original. Um grande orgulho para o CSVP.

### REFLORESTAMENTO

O terreno onde se situa o Colégio São Vicente de Paulo, pertencente à Província Brasileira da Congregação da Missão, estende-se a quase 300 metros morro acima. A ação do fogo e a depredação anônima, associadas ao poder destruidor do capim “colônio”, vinham exterminando a densa arborização primitiva.

Foi um professor recém chegado, Clóvis Dotori, quem chamou a atenção para os claros do morro a que os antigos da Casa já se tinham acostumado.

“Por que não fazer entre os alunos uma campanha de reflorestamento e de aproveitamento do morro em uma espécie de “campus” do Colégio São Vicente?” E a imaginação foi adiante, sugerindo alamedas bem arborizadas com quiosques, caramanchões, etc. A interrogação teve eco imediato.

Do Prof. Jorge Luiz, (que, “não fora professor, teria sido agrônomo, pois as plantas não decepcionam nunca!”) partiu a resposta certa. Sugestões, consultas a técnicos, estímulos, medidas práticas de difusão da idéia, tudo preparou o momento de “mãos à obra”. E este surgiu no dia 12 de novembro em forma de circular informal assim iniciada:

“Aos que gostam de árvore, aos que gostam de passarinho, aos que gostam de gente. Aos que não gostam de selvas de pedra, aos que não gostam de ruas cinzentas, aos que não gostam de cidades estéreis:

Estão todos convidados a reflorestar o morro. Passando da palavra à ação: É muito pouco plantar árvore num morro escondido no fundo de colégio. Não importa: importa é o ato social,

